



CIRCULAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS ANGLO-AMERICANAS NO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL BRASILEIRO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

CIRCULATION AND CONSOLIDATION OF ANGLO-AMERICAN PEDAGOGICAL IDEAS IN BRAZILIAN PROFESSIONAL TECHNICAL EDUCATION IN THE FIRST DECADES OF THE 20TH CENTURY

Sandra Maria de Assis¹ - IFRN 
Ana Santana Batista Farias² - IFRN 

RESUMO

O objetivo do texto é a identificação das relações entre as viagens pedagógicas dos educadores brasileiros, vinculados ao ensino técnico profissional, com a circulação e consolidação das ideias pedagógicas da Escola Nova. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica amparada pela consulta às fontes documentais do arquivo Gustavo Capanema do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e da Hemeroteca Digital, que permitiram discutir a forma como os educadores brasileiros, ligados ao ensino técnico profissional, importaram, se apropriaram, reelaboraram e, na medida do possível, aplicaram essas referências na organização do ensino técnico industrial. As viagens de Anísio Teixeira e Lourenço Filho aos EUA e a influência dos métodos americanos de educação apresentados por Omer Buyse motivaram os educadores a conhecer a pedagogia e o sistema público de educação norte americano.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de ideias; Americanismo; Ensino técnico profissional

ABSTRACT

The aim of this text is to identify the relationships between the pedagogical journeys of Brazilian educators involved in vocational technical education and the circulation and consolidation of the pedagogical ideas of the Escola Nova. The methodology used was bibliographic research supported by consultation of documentary sources from the Gustavo Capanema archive of the Research and Documentation Center of the Getúlio Vargas Foundation (CPDOC/FGV) and the Hemeroteca Digital, which allowed us to discuss how Brazilian educators involved in vocational technical education imported, appropriated, reworked and, as far as possible, applied these references in the organization of industrial technical education. The journeys of Anísio Teixeira and Lourenço Filho to the United States and the influence of American educational methods presented by Omer Buyse motivated educators to learn about pedagogy and the North American public education system.

KEYWORDS: Circulation of ideas; Americanism; Professional technical education

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN. Mestra em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN e Especialista em História do Nordeste (CERES-UFRN). Docente do IFRN, Campus Caicó, lecionando História Geral e do Brasil no Ensino Médio Integrado. Pesquisadora de História da Educação Profissional e Trabalho e Educação. EMAIL: sandra.assis@ifrn.edu.br / [ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9577-9656](https://orcid.org/0000-0002-9577-9656)

² Doutora em Educação pela UFRN. Mestra em Educação pela UFRN. Graduada em Direito pela UFRN. Pesquisadora de Educação em Direitos Humanos. EMAIL: ana.farias@ifrn.edu.br / [ORCID: https://orcid.org/0009-0002-4904-6475](https://orcid.org/0009-0002-4904-6475)

INTRODUÇÃO

Ideias e referências do ensino técnico profissional, especialmente do ramo industrial, circularam no Brasil e contribuíram para sedimentar as concepções que nortearam a constituição do ensino técnico industrial no Brasil, tanto no aspecto teórico quanto no prático. Considerando a importância dessas referências, o artigo constitui-se de três partes e discute as formas como os educadores brasileiros, envolvidos com o ensino técnico profissional, importaram, se apropriaram, reelaboraram e, na medida do possível, aplicaram essas referências na organização do ensino técnico industrial no Brasil.

O ano de 1936 corresponde ao início efetivo das discussões que levaram à elaboração do Plano Nacional de Educação e, como parte dele, o Plano do Ensino Profissional que estabeleceu a formação docente como uma das prioridades a ser considerada como objetivo para o envolvimento e ampliação do ensino técnico profissional no Brasil.

Como parte da formação, previa-se a participação dos professores em congressos, pedagógicas estrangeiras chegaram e circularam no Brasil através das delegações brasileiras que compareceram nos eventos, visitaram escolas e produziram relatórios sobre o que viram.

Membros dessas delegações, em geral, ocupavam cargos de gestão estatal ou empresarial, muitas vezes tinham concepções pedagógicas e ideológicas divergentes, mas tinham conferências, exposições e visitas técnicas para conhecer e aprender sobre o ensino técnico industrial em países da Europa e nos Estados Unidos.

A ida dos professores em formação para essas viagens, não pôde se concretizar, por falta de orçamento entre outras razões, mas as ideias e referências em comum o desejo de implantar no país, uma educação profissional amparada em ideias racionais e modernas. É perceptível que exerceram influência na elaboração e execução de projetos direcionados à organização das escolas, dos currículos e da legislação referente ao ensino técnico profissional.

O encontro dos intelectuais e educadores brasileiros ligados ao ensino técnico industrial com as referências pedagógicas estrangeiras, tanto europeias quanto norte-americanas, foi propiciado pela urgência de se construir um ensino técnico profissional que respondesse à necessidade premente de mão de obra para as indústrias, num contexto político e econômico relativamente favorável (Assis, 2023, p. 126).

Nesse sentido as relações desenvolvidas pela rede de educadores³ - nos ministérios, nas escolas e faculdades, nas empresas, nas representações de classes e em outros espaços de atuação em que esses intelectuais, educadores, gestores e empresários se moviam - possibilitaram o compartilhamento e adesão das referências pedagógicas trazidas das viagens e intercâmbios no exterior.

Ao inventariar as experiências das viagens de caráter pedagógico, pode-se perceber as transformações que podem representar na vida dos sujeitos viajantes, bem como na construção

³ A rede era constituída por educadores, ocupavam cargos de gestão estatal ou empresarial, muitas vezes tinham concepções pedagógicas e ideológicas divergentes, mas tinham em comum o desejo de implantar no país, uma educação profissional amparada em ideias racionais e modernas. É perceptível que exerceram influência na elaboração e execução de projetos direcionados à organização das escolas, dos currículos e da legislação referente ao ensino técnico profissional (Assis, 2023).

de projetos, ações e modelos referenciados nos modelos pedagógicos dos lugares visitados. Além disso, as interações cultivadas nesses encontros poderiam favorecer o desenvolvimento de redes de sociabilidades entre os educadores viajantes e seus pares nos lugares visitados.

Numa perspectiva histórica essas redes transnacionais resultavam de uma diversidade de relações entre atores específicos. Fuchs (2007) assevera que há uma abordagem histórica e estudos sugerindo que as existências das redes remontam ao século XVI. A maioria desses estudos objetivou a investigação de redes de correspondência, redes familiares, redes acadêmicas, redes religiosas.

Nas primeiras décadas do século XX, os movimentos educacionais relacionados a Escola Nova também se serviram dessa internacionalização e então situamos as viagens de educadores brasileiros como Anísio Teixeira e outros que participaram desses intercâmbios, através das correspondências trocadas com colegas estrangeiros, participação em congressos e visitas técnicas, e até temporadas para realização de estudos superiores em países da Europa e Estados Unidos, o que indica suas conexões com as redes transnacionais de educação. O intercâmbio cultural entre Brasil e EUA se intensificou a partir do final do século XIX.

No campo educacional, os EUA eram vistos como uma referência de instrução dada a forma como seu sistema de ensino estava distribuído e também por que o modelo francês começara a diminuir seu prestígio diante das elites brasileiras que se via cada vez mais seduzida pela pujança econômica dos EUA, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. “A Europa – principalmente França, Suíça e Bélgica – continuou a ser destino para missões de estudo, mas os EUA foram definitivamente alçados a uma posição de destaque enquanto referência” (Rabelo, 2019, p. 71).

As ideias da Escola Nova, de acordo com Pedrosa e Santos (2014), influenciaram as discussões sobre o ensino profissional, embora seus próceres, como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira não tenham participado diretamente das comissões e processos de elaboração dos projetos e planos da reforma do ensino técnico industrial.

A aproximação dessas ideias também se deu através de educadores ligados ao Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), como: Roberto Simonsen, Américo Gianetti, Roberto Mange; e ao movimento escola novista, como: Lourenço Filho, Horácio da Silveira, Góes Filho, exemplos de educadores que atuaram na rede, como elos dessa corrente de circulação das ideias vinculadas ao americanismo.

Nesse sentido, destacamos, na escrita desse texto, as contribuições mais específicas do educador brasileiro Lourenço Filho, como um articulador e de Omer Buyse com suas análises dos métodos americanos de educação.

LOURENÇO FILHO: EDUCAÇÃO PÚBLICA CIENTÍFICA, MODERNA, NACIONAL E UNIVERSAL

A Escola Nova reside nas fundações da moderna tradição educacional brasileira e, para Lourenço Filho, caberia à escola pública exercer uma ação social purificadora ao eliminar o fardo do analfabetismo. Como professor de Escolas Normais, nos componentes curriculares de Psicologia, Pedagogia e Prática Pedagógica na Escola Normal de Piracicaba, participou como colaborador de Sampaio Dória na gestão deste como Diretor de Instrução do governo de Washington Luís, enquanto governador de São Paulo.

Publicou vários artigos sobre pedagogia experimental e prática de ensino, cuja experiência adquirira lecionando psicologia na Escola Normal de Piracicaba e num colégio particular

mantido por uma fundação norte-americana. Aí tomou contato com livros de psicologia educacional procedentes dos EUA, passando a realizar pesquisas com o emprego de testes, os quais publicaria os resultados em 1921.

A Reforma de 1920, em São Paulo, foi vista mais tarde como o marco inicial das reformas educacionais nos estados, movidas pelos propósitos da renovação dos métodos e processos de ensino e finalidades sociais da educação como a Escola Nova/Escola Ativa de John Dewey.

Entre abril de 1922 e dezembro de 1923, lecionou na Escola Normal Pedro II de Fortaleza, assumindo também o cargo de Diretor de Instrução Pública, incumbido de executar um plano de reforma do ensino. Nesse ínterim, criou a Escola Modelo, anexa à Escola Normal Pedro II, introduzindo novas práticas escolares (cálculo concreto, leitura analítica, ensino simultâneo de leitura e escrita, desenho natural, sloyd, cartografia, ginástica sueca); curso de férias para os professores; e, inspeção médica escolar.

A diretoria de instrução foi transformada em órgão coordenador, dotado de poder legislador, administrativo e pedagógico. A reforma cearense culminou com a edição do Regulamento da Instrução Pública que contém vários indícios da influência da Escola Ativa e a marca de Lourenço Filho.

Entre 1925 e 1931, lecionou na Escola Normal da Praça, no Rio de Janeiro, dedicando-se às pesquisas e experimentações da pedagogia biopsicossocial e métodos ativos de ensino, imprimindo uma orientação experimental à disciplina de psicologia e pedagogia, destacando a ordem didática e científica a fim de propagar a teoria da aprendizagem com base no condicionamento e programas de ensino de natureza genética. Paralelo à docência, desenvolvia investigações no gabinete de Antropologia Social e Psicologia Experimental da Escola Normal da Praça.

Lourenço Filho tornou-se uma figura integradora de um círculo de professores, alguns dos quais se tornariam expoentes de uma geração de técnicos de educação em diferentes ramos de ensino. Sua concepção psicobiológica de educação articulava o princípio do interesse do aluno com a noção de atividade, a fim de motivar a aprendizagem e modificar o comportamento do aluno.

Prosseguindo os estudos com testes escolares na Escola Modelo, em 1927, participou de curso e conferências, com aulas práticas de técnica psicológica que, transcritos, foram publicados no Volume Psicologia e Psicotécnica. O curso fora desenvolvido e ministrado pelos psicologistas franceses Henri Piéron e Madame Piéron.

Em seguida, em 1929, outro renomado psicologista, Léon Walther, patrocinado pela Associação Comercial de São Paulo, realizou um ciclo de conferências sobre administração científica do trabalho, sensibilizando parcelas do empresariado e de professores para as questões de eficiência e rendimento no trabalho e no ensino. A partir daí, Léon Walther intensificaria seus estudos experimentais num contexto em que a pedagogia experimental ganhava visibilidade e status de ciência social. Alguns educadores (as) influentes que se dedicavam aos estudos da psicologia experimental em diferentes escolas de formação docente no Brasil, como Hélène Antipoff, por exemplo, juntavam-se a Léon Walther nos estudos dos testes de aprendizagem escolar. Tais estudos compunham uma onda movimentada pela orientação médica, higiênica, biológica, psicológica e sociológica e credenciavam a pedagogia experimental como ciência capaz de solucionar os problemas de aprendizagem e os males sociais.

Ao lado de Anísio Teixeira, participou da reforma do ministro Francisco Campos e ajudou a redigir o Manifesto dos Pioneiros, tendo estado nos Estados Unidos, visitando,

estudando e convivendo com expoentes da Escola Ativa como John Dewey e Kilpatrick, na Teacher College da Universidade de Colúmbia.

Dirigiu o Instituto de Educação e participou da comissão especial de redação do documento preliminar da Carta Constitucional de 1934, da qual saíram importantes conquistas educacionais como: o Conselho Nacional de Educação, do qual foi membro; o percentual fixo para o financiamento da educação; a elaboração do Plano Nacional de Educação; e a educação como um direito de todos.

Com a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937, em termos político e social, completava-se a obra iniciada na Revolução de 1930: a organização socioeconômica e a produção cultural passavam inteiramente à regulação de um Estado interventor, autoritário e centralizador. Nesse contexto, diversas agências técnicas e órgãos de controle foram criadas ou reformuladas no intuito de planejar as ações do Estado. No âmbito do MESP, o ministro Gustavo Capanema estruturou uma rede de agências técnicas e científicas para coordenar as ações do ministério. Ao mesmo tempo, que reunia em torno de si uma diversificada rede de sociabilidade intelectual que ocupou cargos em seu ministério, da qual Lourenço Filho fazia parte, passando a organizar e dirigir o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), um cargo relevante na esfera de poder nacional.

Nesse ponto, de acordo com Monarcha (2010), Lourenço Filho deslocava seu interesse reformista, outrora no âmbito estadual, para o plano nacional, com o cuidado de ajustar os interesses individuais e suas crenças de reformador às finalidades do Estado, concebido como instituidor e garantidor da sociedade. Em conferência, afirmou:

Em termos mais amplos, o problema da educação nacional é substancialmente político-social. A compreensão histórica, a feição do Estado e a concepção da economia em que se apoie a organização administrativa, as aspirações, os métodos e formas de vida comum do povo – tudo nele importará. O Estado não educa hoje apenas com as instituições a que explicitamente chamamos educativas, mas, sim, com toda sua configuração político-social, os ideais que façam viver no povo, interpretando-lhe sentimentos, acentuando-lhe a unidade, tornando sensível a todos seu espírito e seu destino (Lourenço Filho, 1942, p. 47 apud Monarcha, 2010, p. 87).

Nesse período, o Brasil vivia um período muito importante de sua formação social com a centralização do poder político, a imposição de um modelo antiliberal e o desenvolvimento urbano-industrial. Paralelo a isso, Lourenço Filho envolvia-se cada vez mais com a psicologia, a psicotécnica e os métodos estatísticos. Ao tempo que, desempenhava suas funções administrativas de relevância e amplitude nacionais, renovava sua confiança na efetividade das aplicações práticas da psicologia.

OMER BUYSE: A APROXIMAÇÃO COM AS DIRETRIZES DA ESCOLA NOVA E A INFLUÊNCIA DOS MÉTODOS AMERICANOS DE EDUCAÇÃO

Anísio Teixeira é o mais expressivo deweyano no Brasil, o primeiro e maior divulgador da pedagogia do John Dewey. Seu primeiro contato com Dewey se deu em 1924, através da obra *Métodos Americanos de Educação Geral* (1908) de Omer Buyse, considerada como avançada e reformadora para seu tempo. Convencido pela leitura de Buyse sobre as maravilhas

da educação nos Estados Unidos e das ideias de Dewey, Anísio Teixeira foi, pessoalmente, conhecer as escolas norte-americanas em 1927.

No retorno ao Brasil, traduziu a obra de Buyse e escreveu um relatório, Aspectos Americanos de Educação, onde apresenta, resumidamente, as ideias de Dewey, além de visitas e contatos feitos nos EUA. Esse texto, possivelmente, seja “exposição sistematizada das ideias de John Dewey, produzida no Brasil” (Ward, 2020, p. 315).

No mesmo período, em 06 de outubro de 1924, o jornal O Paiz trazia uma reportagem sob o título A Remodelação do Ensino Profissional, na qual o professor João Luderitz discorria sobre o que estava sendo feito em relação à formação do operário no Brasil. Ele afirmava que estava sendo seguida, no Brasil, uma diretriz baseada nos ensinamentos do educador belga Omer Buyse, que viajara aos EUA, em missão, para estudar a educação do operariado técnico e, consequentemente, fundara a Universidade do Trabalho em Charleroi, na Bélgica.

Na matéria, João Luderitz enfatizava a necessidade de os docentes do ensino técnico reunir, segundo ele, duas qualidades: a do professor e a do mestre de oficinas, uma vez que não se devia separar o conhecimento geral do conhecimento técnico, sob pena de recair ou no simples ensino complementar ou avançar em cursos técnicos acadêmicos de pouca valia para a vida prática.

Em sua obra, Métodos Americanos de Educação, Omer Buyse analisa os preceitos da educação americana afirmando que “os Estados Unidos revelaram métodos audaciosos que transformam as regras clássicas de fabricação e do comércio e ameaçam atentar contra a predominância econômica do Velho Mundo” (Buyse, 1927, p. 01), referindo-se ao desenvolvimento prodigioso que os norte-americanos alcançaram nos anos que antecederam a primeira guerra.

O autor nomeia as qualidades que, para ele, seriam responsáveis por tal prosperidade: espírito empreendedor, gênio organizador, sobriedade, otimismo, confiança, além do que a educação familiar e educacional norte-americana apresentaria um tipo de vigor em que o ato de ensinar, desde as séries iniciais, deveria unir esforço físico muscular com a apreensão das ideias. O ensino secundário, por sua vez, seguiria a mesma premissa, ou seja, promover o sistema de instrução pela ordem (Buyse, 1927).

Nesse sentido, o papel do professor seria gradativamente reduzido em benefício de uma maior responsabilidade do educando pelo seu aprendizado. A finalidade da educação seria “libertar o pensamento e o sentimento de toda tutela” (idem). Teorias, abstrações e definições já feitas por outrem, devem ser desprezadas, a não ser que possam ser testadas e experimentadas na prática.

O ensino das ciências (puras ou aplicadas) praticado nos laboratórios, precedidas por lições nas aulas, para confirmar os estudos práticos de laboratórios e ateliers, principais centros de interesse dos institutos de educação, onde as notas obtidas teriam uma importância maior do que as sabatinas orais.

Nas Escolas e Institutos de Ensino Superior, a iniciativa e o esforço, aliados às experiências feitas pelos alunos, constituindo-se como base dos estudos. O professor age como um guia das individualidades sem as subjugar, esperando que as aspirações, inteligências e aptidões manifestem-se por si mesmas, uma vez que “o ensino nos laboratórios e o ensino nos trabalhos manuais são similares como instrumentos de educação que visam o indivíduo (Buyse, 1927, p. 6).

O autor refere-se ao fato de a experimentação prática ser extremamente utilizada pela escola industrial e profissional na educação operária, afirmando que o operário americano seria uma espécie de modelo para o operário europeu num futuro próximo.

Dessa forma, a escola americana procuraria incutir no operário uma ideia de execução, de finitude da tarefa, formando o profissional, mas também o homem no sentido de completude, a partir da assimilação de uma cultura profissional geral dotando-o de condições para reagir à monotonia provocada pela divisão extrema do trabalho concernente à fabricação em série.

Ao considerar o poder criador do trabalho americano e o aperfeiçoamento do instrumental que o serve, Buyse (1927), via a educação técnica americana como bastante eficaz, afirmando que haveria uma cultura do trabalho, uma satisfação pessoal na realização de tarefas, sejam simples ou complexas, como se cada americano guardasse dentro de si um operário.

Sua recomendação era de que seria necessário aprender agindo com o espírito essencial dos métodos escolares americanos, combinando uma mentalidade em que pensamento e ação seriam inseparáveis, com especial apreço por profissões manuais, onde o trabalho manual não fosse humilhante ou desonroso e algumas profissões ditas braçais fossem melhor remuneradas que outras, como escriturários, por exemplo. Ou seja, valor social não se sobreporia ao valor econômico.

Assim, seria impossível e desnecessário copiar ou transplantar sistemas (educacionais, culturais) de um meio para outro, visto que os regimes de instrução de uma sociedade são dominados pelas influências sociais, econômicas e históricas, se apoiando nos costumes e tradições dessa mesma sociedade. Dessa forma, seria suficiente conhecer, compreender a fisionomia e o caráter da instrução nos Estados Unidos, e na medida do possível, extrair dele os seus pontos fortes, que, conforme algumas observações de Buyse (1927), seriam:

- a gratuidade da escola pública para todos(as);
- a dignidade pessoal decorrente da igualdade de tratamento;
- espontaneidade, variedade e organização;
- soluções práticas mais do que teóricas (sem excluí-las) na resolução de problemas;
- escola como reflexo das situações políticas e econômicas da organização social.

As escolas industriais e profissionais americanas dependiam dos Departamentos de Trabalho que não possuíam poder executivo. Ocupavam-se em incentivar o aperfeiçoamento da instrução técnica sem impor sistemas e métodos. Estes deviam ser responsabilidade dos promotores, protetores e professores de regular seu ensino de acordo com as necessidades locais e regionais. “A espontaneidade, a variedade e a riqueza de ideias dos métodos de ensino geral e técnico são extraordinários” (Buyse, 1927, p. 13).

Apesar da intensa multiplicação dos meios de comunicação e da mobilidade populacional nos Estados Unidos, seus habitantes e suas escolas não se definiam por generalidades. Não se encontravam à época, escolas ou cidades, cujos programas ou métodos de ensino fossem idênticos.

Cabe-nos, no entanto, alertar o leitor para as condições econômico-político-sociais vividas pela sociedade americana naquele período em que o autor apresenta sua análise. Tratava-se de um país em franco desenvolvimento econômico, despontando como uma locomotiva do progresso industrial e desenvolvimento social, com um modelo político (república federativa liberal e pretensamente democrática), que exibia múltiplas contradições étnicas e sociais, sendo a escola uma espécie de elemento responsável por suavizá-las ao tempo que moldava a sociedade,

apresentando-a como um modelo viável e um contraponto à suposta decadência do velho mundo à beira de duas grandes guerras.

O autor demonstra uma visão romantizada, dos métodos educativos americanos, corroborando, de certa forma, a imagem que os próprios americanos projetavam de si. Evidentemente, isso não tira o valor da grande contribuição de sua obra e nem dos próprios métodos americanos, aparentemente muito eficazes, àquele momento.

Ainda assim, o ensino técnico profissional brasileiro, em processo de estruturação, se apropriou, em muitos aspectos, dos métodos americanos de educação. Obviamente não se tratou de mera reprodução, uma vez que as condições estruturais das escolas e do ensino não permitiam tal feito, mesmo que houvesse essa intenção. Mas a essência do que veio a se desenvolver desde então, não deixa dúvidas quanto a importância das referências das escolas norte americanas e de suas ideias pedagógicas em circulação aqui, sobretudo no ensino técnico profissional.

ENTRE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS, A CONSOLIDAÇÃO DA PRESENÇA ANGLO-AMERICANA NO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL BRASILEIRO

A circulação das ideias da Escola Nova foi, de certo modo, favorecida pelas viagens de educadores brasileiros, como Lourenço Filho e Anísio Teixeira, aos Estados Unidos e pelo encantamento destes com a civilização norte-americana e com a superação do dualismo que teria dado outro sentido à educação.

Considerando-se os registros das viagens dos educadores em diários e relatórios oficiais ou particulares, pode-se perceber a busca pelo conhecimento por parte dos educadores em relação aos referenciais de educação das diferentes culturas nos lugares visitados. Dessa forma, vê-se que na primeira metade do século XX, algumas viagens pedagógicas foram realizadas por educadores e autoridades educacionais que àquela época buscavam referenciais para as ações em andamento (discussões, comissões, estudos, planos de ação) para o construto do que viria a ser o ensino técnico industrial brasileiro, sobretudo no período correspondente as décadas de 1930 e 1940.

Os métodos americanos de educação, apresentados por Omer Buyse, influenciaram Anísio Teixeira, bem antes dele conhecer a pedagogia e o sistema público de educação norte-americano, nas viagens que fizera àquele país. Influenciado por John Dewey, Teixeira aderira à concepção de educação pública, cuja formação geral voltava-se para a preparação para o trabalho sem que os estudantes tivessem que, rigorosamente, atrelar suas escolhas profissionais às necessidades do regime industrial.

As ideias da Escola Nova, de acordo com Pedrosa e Santos (2014), influenciaram as discussões sobre o ensino profissional, embora seus próceres, como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira não tenham participado diretamente das comissões e processos de elaboração dos projetos e planos da reforma do ensino técnico industrial. Nesse sentido, a aproximação das ideias se deram através de educadores ligados ao IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), como: Roberto Simonsen, Américo Gianetti Roberto Mange; e ao movimento escola novista, como: Lourenço Filho, Horácio da Silveira, Góes Filho, exemplos de educadores que atuaram na rede, como elos dessa corrente de circulação das ideias vinculadas ao americanismo.

Além dos educadores citados, pode-se atribuir essa circulação a outros educadores, especialmente envolvidos com o ensino técnico profissional e ou com as empresas ferroviárias e indústrias. Citamos o engenheiro Celso Suckow da Fonseca, admirador da racionalidade técnica para impulsionar o desenvolvimento e da união da escola ao mundo do trabalho. No processo

de organização do ensino industrial, não compôs nenhuma comissão, mas circulava entre os membros das referidas comissões com quem compartilhava suas ideias.

A esse respeito, é oportuno destacarmos a importância do engenheiro Roberto Simonsen como um divulgador do americanismo industrialista, tanto pelas ideias quanto pelas ações. Nos ambientes que frequentou, nos círculos empresariais e políticos, nas empresas que criou e dirigiu e na influência que exerceu no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no contexto, do processo de industrialização e estruturação das redes de ensino industrial, especialmente, a partir da Lei Orgânica do Ensino Industrial e criação do SENAI.

Como ele, alguns engenheiros e educadores participaram como membros ativos das comissões criadas para pensar o ensino industrial. Para Pedrosa (2021, p. 4), eram agentes do industrialismo que

[...] tinham em seu imaginário a formação de um Brasil industrial, urbano e de massas e com uma cultura empresarial orientada pela administração científica da produção e do trabalho, típica do modelo anglo-americano (p. 03). Como um desses agentes, Simonsen é citado como um industrialista anglo-americanista, um intelectual orgânico, “uma figura importante na (re) formação de trabalhadores e empresários para a indústria brasileira, ou seja, na preparação do novo homem para o industrialismo urbano e da massa”.

Assim como Simonsen, outros intelectuais que viam as referências americanas como apropriadas à cultura, à produção, o trabalho e à educação, atuaram para que tais ideias circulassem nos meios políticos e empresariais, notadamente, os princípios e as práticas de administração científica da produção e do trabalho.

Essa presença anglo-americana na política e na educação brasileira intensificou-se nas primeiras décadas do século XX, período em que identificamos alguns viajantes, já citados anteriormente, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roberto Simonsen, Américo Gianetti que conheceram de perto a filosofia e a psicologia aplicadas nas escolas, como dos dois primeiros, e a administração científica nas empresas como os dois últimos.

Gestores como Francisco Montojos e Rodolfo Fuchs se encantaram com as ideias importadas, por Anísio Teixeira, dos Estados Unidos, buscando aproximá-las daquilo que ambos defendiam para o Ensino Técnico profissional. Para Fuchs, o americanismo e sua proposta para o ensino profissional traziam semelhanças com as escolas técnicas secundárias criadas por Anísio Teixeira no Distrito Federal, na década de 1930.

Celso Suckow da Fonseca, admirador da racionalidade técnica para impulsionar o desenvolvimento e da união da escola ao mundo do trabalho. No processo de organização do ensino industrial não compôs nenhuma comissão, mas circulava entre os membros das referidas comissões com quem compartilhava suas ideias.

Lourenço Filho, também fez circular as ideias da Escola Nova e mais tarde em visita aos EUA (1935), aparentemente, encantou-se com a civilização norte-americana, com a superação do dualismo que teria dado um outro sentido à educação.

Embora existissem muitas convergências de ideias, é possível perceber as divergências, mesmo entre aqueles mais próximos no universo da rede. Sobre isso, destaca-se aqui o exemplo de Anísio Teixeira e Góes Filho. Amaral (2017), afirma que ambos tiveram trajetórias acadêmicas semelhantes, mas ideias distintas quanto ao Ensino Secundário e Técnico. Anísio Teixeira atuava na defesa de uma escola unitária, integrada, que unisse teoria e prática. Ao ser substituído por Góes Filho na Secretaria de Educação do Distrito Federal, este propôs separar as escolas técnicas

das escolas de formação geral, insistindo num ensino técnico com formação específica para o trabalho e destinado apenas às classes populares. Nesse ponto, vê-se Góes Filho distanciando-se das ideias pedagógicas de Anísio Teixeira e aproximando-se da racionalidade técnica de Roberto Mange de quem se tornaria cada vez mais próximo.

Essas divergências são lembradas por Cunha (2005), quando este se refere à demissão de Teixeira da Secretaria, afirmando que houve uma retomada da dualidade nos cursos secundários, cabendo ao seu antigo discípulo e colaborador adaptar o projeto de Teixeira nos moldes da estrutura dual que mais se coadunava com a aprendizagem industrial sistemática. Conforme Amaral (2017), isso qualificou Góes Filho a ser lembrado e inserido como uma referência na rede de sociabilidades da qual faziam parte outros sujeitos atuantes no IDORT e mais tarde no SENAI, ambientes onde o mesmo circulou e ocupou cargos importantes.

Apesar do interesse pelas concepções da Escola Nova e também pela forma que as escolas americanas funcionavam, a despeito das influências de Anísio Teixeira e seus “discípulos” sobre os debates, comissões, planos e outras ações com vistas a estruturação do ensino profissional e técnico industrial, as mudanças mais efetivas, embora pensadas, elaboradas e gestadas na década de 1930, só tomaram forma, efetivamente, na década de 1940.

E nesse ínterim, outros modelos de ensino profissional começaram a ser conhecidos pelos educadores brasileiros, muito por conta das inserções dos mesmos nos congressos internacionais que alguns deles participaram e, dessa forma, novas ideias pedagógicas e concepções de ensino profissional passaram a circular no Brasil, especialmente através da rede de educadores nos seus espaços de atuação.

Em relação aos modelos pedagógicos, sabe-se que não havia um direcionamento sobre este ou aquele que deveria ser seguido. Havia, claramente, uma abertura para vários países a depender das mudanças impostas pelo cenário político estabelecido pela Segunda Guerra. Buscou-se, a princípio, conhecer os modelos pedagógicos europeus, até pela tradição educacional e cultural brasileira de se referenciar pelos modelos desses países: Alemanha, Bélgica, França, Itália e Suíça.

Ocorre que na década de 1940 as circunstâncias históricas como o totalitarismo e a decadência econômica trazidas pela guerra na Europa, bem como a recuperação da crise econômica de 1929 sem sacrificar a democracia liberal dos Estados Unidos, encaminham os educadores e gestores do ensino profissional a uma aproximação maior com o modelo de ensino técnico praticado nas escolas americanas. Naquele momento, os Estados Unidos demonstravam força, tanto pela forma como reagia aos ataques inimigos e sua posterior entrada na Segunda Guerra, como pelo forte espírito industrial em formação.

De acordo com Pedrosa e Santos (2014), tal espírito era mais que produção de mercadorias. Era um estilo de vida a permear a existência do povo americano. Seus modelos de escolas industriais foram, de certo modo, adaptados às escolas de ensino industrial no Brasil com a importação das séries metódicas, oficinas, disciplina, psicotécnica e psicologia do ensino industrial. Enfim, era a “industrialização da escola” (Pedrosa; Santos, 2014).

Embora o Brasil tenha importado referências, estruturas, métodos, técnicas, professores e mestres de outros países, as referências norte-americanas se consolidaram aqui, ocupando o maior espaço a partir da década de 1940.

O modelo pedagógico do qual se apropriou o Brasil para sua reforma, continha elementos como racionalidade, modernidade, otimização da produção, sem que isso significasse uma opção por um projeto ideológico. Ou seja, tal escolha traduzia um pouco do pragmatismo e ambiguidade do cenário político incerto, mas também se adequava perfeitamente aos interesses

da elite empresarial brasileira que via o modelo americano como mais adequado aos seus intentos de formação profissional e controle social.

Pedrosa (2014), infere que o relatório produzido pela Comissão Interministerial (1939), assinado por Góes Filho, indicava uma preferência pelo modelo americano, cujas escolas técnicas de nível médio poderiam servir de referência para o ensino industrial no país.

Havia significativa admiração pelo modelo alemão de ensino industrial, mas as circunstâncias com a iminência da guerra na Europa, juntamente com a exuberância da indústria americana, aliada à estrutura e resultados de suas escolas técnicas, justificavam uma possível adesão aos seus modelos de formação geral e técnica para o ensino técnico industrial a ser desenvolvido nos Liceus Industriais e escolas técnicas no Brasil.

Posteriormente, a aproximação do Brasil com os EUA, tanto do ponto de vista político, quanto econômico, encaminham os gestores do Ministério da Educação e Saúde Pública a fazerem opção pelo modelo americano. Conforme Pedrosa e Santos (2014), as tratativas nesse sentido foram fortalecidas, nos anos seguintes à reforma educacional, com a criação da CBAI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na presente pesquisa, é possível concluir que as viagens pedagógicas realizadas por educadores brasileiros no início do século XX desempenharam papel central na circulação e consolidação das ideias pedagógicas anglo-americanas no ensino técnico profissional no Brasil. A atuação de intelectuais como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roberto Simonsen e outros, foi determinante para a incorporação e adaptação de métodos educacionais que privilegiavam a formação prática e integrada ao mundo do trabalho, como preconizado pela pedagogia norte-americana influenciada por John Dewey. Assim, observa-se que a apropriação dessas referências internacionais se deu de forma seletiva e estratégica, alinhada às demandas do processo de industrialização brasileiro e à necessidade de modernização do sistema educacional.

Além disso, destaca-se que, apesar das convergências em torno das ideias da Escola Nova e do americanismo, o processo de incorporação dessas influências não ocorreu de maneira homogênea ou isenta de tensões. Divergências internas entre os educadores, como exemplificado na oposição entre Anísio Teixeira e Góes Filho, revelam diferentes concepções acerca da finalidade do ensino técnico: enquanto alguns defendiam uma formação integrada e humanista, outros apostavam numa educação mais estritamente profissionalizante e voltada para as demandas imediatas da indústria. Nesse contexto, a consolidação do modelo anglo-americano no ensino técnico profissional brasileiro refletiu não apenas as influências externas, mas também as escolhas políticas e ideológicas dos agentes envolvidos, resultando em um sistema educacional híbrido, que combinava elementos de racionalidade técnica e modernização com interesses econômicos e sociais específicos do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Celina Pedrina Siqueira. **Joaquim Faria Góes Filho e o Ensino Técnico Secundário no Brasil da década de 1930: concepções e disputas**. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ASSIS, Sandra Maria de. **As viagens pedagógicas e a organização do ensino técnico profissional no Brasil (1909-1943): circulação de ideias e referências educacionais na rede de intelectuais da**

educação profissional. Tese (Doutorado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

BUYSE, Omer. **Métodos Americanos de Educação Geral e Técnica.** Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1927.

CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo.** 2 ed. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

FUCHS, Eckhardt. **Networks and the History of Education.** *Paedagogica Historica*, v. 43, n. 2, p. 185-197, 2007.

MONARCHA, Carlos. Lourenço Filho. **Recife: Fundação Joaquim Nabuco:** Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

PEDROSA, José Geraldo; SANTOS, Oldair Glatson dos. **Agentes do ensino industrial no Brasil (1920–30–40) e suas referências internacionais: europeísmo e americanismo.** *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/28181> Acesso em: 5 ago. 2023.

PEDROSA, José Geraldo. **Anglo-americanismo e industrialismo nos primórdios da república brasileira: Roberto Cochane Simonsen (1889-1948) e o trabalho moderno.** *History of Education in Latin America – HistELA*, v. 4, p. 01–20, 2021. Disponível: <https://periodicos.ufm.br/histela/issue/view/1090>. Acesso em: 16 maio 2024.

RABELO, Rafaela. **S. Isaac Kandel e a constituição de redes entre Brasil e Estados Unidos.** *Rev. Cienc. Educ., Americana*, ano XXI, n. 43, p. 67-96, jan./jun. 2019.

WARDE, Miriam Jorge. **As voltas que o mundo dá: Brasil, Estados Unidos, Turquia, França, Alemanha... nas primeiras décadas do século XX.** *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 27, n.3, jul./set., 2020. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v28n3p336-362>. Acesso em: 07 mar. 2023.

| Submetido em: 15/11/2024

| Aprovado em: 27/07/2025

| Publicado em: 30/09/2025